

Funaro condena posição dos credores

Nova Iorque — O ministro da Fazenda, Dilson Funaro, disse, ontem, a banqueiros e empresários reunidos em almoço no Conselho de Relações Exteriores, que "nos últimos quatro anos, os brasileiros enviaram para o exterior, 34 bilhões de dólares líquidos, dos quais 27 bilhões foram transferidos para os bancos comerciais privados". Nossos principais credores, continuou o ministro, não vem dando, assim, qualquer contribuição positiva à solução de um problema que também é deles.

Depois do almoço, em outro encontro com homens, de negócio americanos reunidos para ouvi-lo no Conselho das Américas, o ministro Dilson Funaro foi mais brando. "Felizmente", disse ele, "parece estarmos chegando a uma fase mais madura, em que todas as partes envolvidas aceitam sua parcela no esquema de co-responsabilidade que permitirá encontrar uma solução duradoura para a questão". Antes de viajar para Washington ontem à noite, o ministro teve o encontro mais importante do dia, com os presidentes dos bancos Chemical, Manufacturers, Chase e Chicago First, e com um representante do Citibank, porque o presidente John Reed estaria fora da cidade.

"Temos que eliminar a miséria"

Tanto o almoço como a palestra no Conselho das Américas foram fechadas à imprensa. No primeiro encontro, o Ministro disse que "para crescer é preciso investir. E para investir na escala necessária, o Brasil não poderá continuar a transferir uma quinta parte de sua poupança para atender o serviço da dívida". Ao aceitar isso, segundo ele, em vez de criarmos condições para eliminar a miséria, estaríamos aceitando perpetuá-la.

Ele afirmou que a dívida externa agrava o problema do déficit público. E como, segundo o Ministro, o setor público responde por quatro quintos da

Acompanhado do embaixador Marcílio Marques Moreira, o ministro chegou ao meio-dia na esquina da rua 68 com a Park Avenue. De um lado da rua está o Conselho de Relações Exteriores e, do outro, o Conselho das Américas. Ele esclareceu que não iria discutir medidas econômicas internas, mas sim o problema do financiamento externo.

— Neste momento, disse o ministro, vamos conversar sobre a sequência da discussão da dívida. Vamos verificar o fórum apropriado, as pessoas, enfim, vamos dar a partida para esse processo.

O ministro disse que não conhece a reação dos banqueiros ao plano de refinanciamento proposto pelo governo, porque não consorsou com eles nos últimos três dias. Afirmou que não vai ter uma reunião formal com os integrantes do comitê coordenador da dívida brasileira, liderado pelo Citibank. "Vamos entregar nosso plano aos banqueiros que, por acaso, nos encontrarmos na reunião do FMI", afirmou o ministro.

Um dos assessores do ministro, que pediu para não ser identificado, explicou que não só mudou a forma da negociação, como a sua própria metodologia.

divida, os juros excessivos representa uma parte substancial da despesa do governo. Dilson Funaro disse aos banqueiros e empresários que a situação é clara: "Todos os grandes problemas econômicos que hoje afligem a sociedade brasileira têm sua solução vinculada à superação do estrangulamento representado pelo ônus da dívida externa".

Na opinião do Ministro, o crescimento econômico do Brasil depende da combinação de dois fatores: esforço interno de investimento e poupança e contribuição externa para reduzir o nível das transferências líquidas.

Negociação passa pelos juros

Depois do discurso no Conselho de Relação Exteriores, o ministro da Fazenda respondeu a várias perguntas. Um banqueiro quis saber o que Funaro faria se uma empresa americana no Brasil declarasse a moratória e suspendesse o pagamento dos impostos. A saída do ministro foi olímpica, segundo a informação de um participante do almoço. «Nós tratamos muito bem as empresas estrangeiras que operam no Brasil e não deixaríamos que a situação chegasse a tal ponto».

As duas da tarde, o ministro da Fazenda atravessou a rua e entrou no Conselho das Américas, onde a palestra foi praticamente igual à anterior. O ex-banqueiro David Rockefeller saiu um pouco mais cedo porque tinha um compromisso e, pelo que viu, achou que Funaro esteve ali apenas para explicar os problemas econômicos brasileiros e sugerir algumas possíveis soluções. «Estou afastado há muito tempo do mercado e não posso expressar qual é o ponto de vista dos banqueiros atualmente».

Depois de quase duas horas no Con-

selho das Américas — encontro do qual também participou o presidente do Banco Central, Francisco Gros —, o ministro da Fazenda disse que há várias formulações possíveis quando se trata de converter dívidas em investimentos. «No fim, disse ele, tudo são propostas para permitir que haja uma negociação do principal da dívida que está no Brasil, enquanto nós queremos discutir os juros que estão lá». Sobre a proposta de conversão dos cem milhões de dólares do Banco de Montreal, Funaro disse que o assunto tem que ser examinado. Indagado se esta é uma proposição interessante, respondeu: «Se for pelos juros, sim. Se for pelo principal, não».

Sobre a colocação de alguns banqueiros na assembléia do Banco Interamericano de Desenvolvimento, em Miami, de que o Brasil deveria ter boa vontade e honrar pelo menos uma parcela dos juros da dívida, o ministro Funaro respondeu: «Boa vontade é a nossa presença aqui, discutindo com eles. Boa vontade não se troca por cheque».

Roque de Sá



Para Funaro, posição dos credores não tem sido positiva